

# O PROGRESSO CATHOLICO

REVISTA RELIGIOSA, SCIENTIFICA, LITTERARIA, ARTISTICA E NOTICIOSA.

## SUMMARIO :

PASTORAL DE SUA EXC.<sup>ma</sup> REV.<sup>ma</sup> O SNR. ARCEBISPO PRIMAZ.—SECÇÃO RELIGIOSA: *A Immaculada Conceição*, pelo padre Francisco dos Santos e Cunha — OS NOSSOS CORRESPONDENTES: *Curta de França*, pelo Abbade Alazard — SECÇÃO LITTERARIA: *Atravez do jornalismo*, por Um Vimaranesense. — SECÇÃO CRITICO-BIBLIOGRAPHICA. pelo padre Senna Freitas.—RETROSPECTO DA QUINZENA, por J. de Freitas.

## GUIMARÃES 30 DE DEZEMBRO

Suprimimos hoje o nosso artigo de fundo para inserir no lugar d'honra d'esta Revista a bella e edificante Pastoral do Exc.<sup>mo</sup> Snr. Arcebispo de Braga, D. João Chrysostomo de Amorim Pessoa. Limitamo-nos por hoje a transcrever a, guardando para o seguinte numero do *Progresso* algumas modestas apreciações a respeito d'este acto eminentemente louvavel do digno Metropolitano da archidiocese bracarense.

«A diversidade dos tempos produz forçosamente a necessidade de differentes meios ou providencias, para que a sociedade christã seja bem governada e dirigida com segurança nos caminhos da verdade e da justiça, da virtude e da salvação eterna, que é o melhor e o mais proveitoso progresso, que todo o homem n'este mundo deve procurar sem hesitação e sem descanço, para conseguir o fim que Deus Nosso Senhor se tem proposto, quando nos deu a vida e a intelligencia.

Tem sido esta a politica constante da Igreja Catholica tanto nos seus concilios, como nas Bullas dos Summos Pontifices e nas Pastoraes e Provisões dos seus Prelados. A historia universal da Igreja é a prova mais propria e convincente d'esta verdade, que tem uma grande importancia para a sociedade christã. A força comprobativa dos factos não pôde ser destruida pela razão apparente dos sophismas.

São immutaveis os dogmas, e inalteraveis os principios da moral, que

a Igreja Catholica, assistida pelo dom sobrenatural da infallibilidade, tem solemnemente declarado e proposto á crença dos fieis e á direcção das suas acções; a sua disciplina porém, tem-se conformado sempre e muito sabiamente, não só com a mudança dos tempos, das idéas e das condições da sociedade humana, mas tambem com as necessidades especiaes dos grandes circulos, em que o orbe catholico se acha dividido, tendo por seu centro a Igreja Romana nossa Mestra e nossa Mãe, d'onde emana o principio da auctoridade ecclesiastica na sua applicação, o o ensino da doutrina, ou do complexo das verdades que devem ser geralmente seguidas e praticadas por todos aquelles, que felizmente militam debaixo do glorioso estandarte da Cruz de Christo, que ha desenove seculos tem guiado quasi todos os povos em toda a parte do mundo civilisado.

Não é, porém, hoje nosso intento, Meus Filhos em Jesus Christo, dar-vos sobre esta materia, aliás muito grave e importante, longa instrucção pastoral. Tempo virá, em que, se Deus Nosso Senhor não nos faltar com a vida e saude, tractaremos com maior desenvolvimento a materia, que agora apenas temos indicado e offerecido á vossa lembrança.

No dia do quarto anniversario da nossa confirmação pela Sé Apostolica para Prelado d'esta vastissima Archidiocese, só temos em vista estabelecer uma pratica salutar e muito louvavel do culto catholico, recommendando com o mais verdadeiro e decidido empenho ao Nosso Ill.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Cabido, aos Muito Revd.<sup>os</sup> Vigarios Geraes e Arciprestes, assim como tambem aos Reverendos Parochos e mais Clero d'este Arcebispado, que em todos os domingos do anno seja dada aos fieis, e a uma hora que julgarem mais conveniente, a benção solemne do Santissimo Sacramento, na fórma usada pela Igreja, e pelo modo como no fim d'esta Provisão vae explicado.

N'estes tempos em que as idéas do direito e do dever parece andarem tão baralhadas e confundidas: n'estes tempos, em que a propria razão humana tem perdido a qualidade de cri-

terio seguro da verdade, abdicando esta tão grande prerogativa na diversidade do modo de pensar de cada um d'aquelles, que, mais por interesses particulares, do que por credito da civilisação e do bem geral, pretendem, e muitas vezes alcançam, constituir-se directores da chamada opinião publica: n'estes tempos, em que os negocios materiaes da vida social e os prazeres dos sentidos occupam toda a attenção e são o objecto mais attrahente de uma grande parte, ou da maioria mesmo, dos christãos; não será porventura de grande conveniencia chamar o povo fiel ao templo do Senhor para que, prostrado na presença do Augusto Sacramento dos nossos altares, se não esqueça inteiramente, que o fim, que o homem tem n'este mundo, onde elle vive como simples passageiro, é a eternidade feliz, ou a bemaventurança eterna, para onde Deus o chama e para onde elle deve sempre encaminhar seus pensamentos, seus desejos e todas as suas acções?

Não será tambem util, necessario mesmo, que o festival som do sino, chamando os fieis para o acto tão devoto da benção do Santissimo Sacramento, faça lembrar aos peccadores esquecidos ou remissos, que na sua freguezia e na Igreja, onde fora baptisado e recebera a sua primeira Communhão, o povo devoto e observante da lei de Deus vae receber a benção do Jesus Sacramentado, que nasceu e morreu para nos salvar?

Não será esta lembrança piedosa muito util e saudavel a todos? Quem poderá negar ou desconhecer a sua importancia religiosa?

E' muito antiga em outros paizes, Meus Filhos em Jesus Christo, a pratica que desejamos ver estabelecida n'esta Nossa Archidiocese.

Na Italia, na França, na Belgica, nas Missões do Egypto, que visitamos, temol-a sempre encontrado: em Gôa procuramos estabelocel-a com o nosso exemplo durante o tempo, que residimos proximo á Igreja de Ribandar, e desde que chegamos a esta Archidiocese de Braga se acha estabelecida em o Nosso Seminario de S. Pedro.

Desejamos que o povo christão, can-

tando o—*Bemdito e louvado seja o Santissimo Sacramento*—, tome parte n'este acto tão solemne, tão devoto, tão cheio de encanto para um coração possuido de amor e dedicação pelo Mystério ineffavel da Santa Eucharistia, onde debaixo da apparencia das especies Sacramentaes existe o corpo, o sangue, a alma e a divindade de Nosso Senhor Jesus Christo tão real e verdadeiramente como está nos céos; porque desejamos que o povo christão se misture em seus canticos e adorações com os Anjos, que, segundo a nossa fé, assistem reverentes ante o throno de Deus no céo e em toda a parte, que Elle santifica com a sua presença real.

Quando uma lamentavel descrença vae lavrando e se alastra, como a nodoa do azeite, na teta pura e nitida da fé religiosa do povo christão d'este reino fidelissimo; quando uma certa doutrina, contraria aos nossos principios religiosos, é professada publicamente, — oh dôr! — por sacerdotes infelizes, que, recebendo a sagrada ordenação das mãos dos prelados catholicos, e sem respeito ou consideração alguma pelo seu proprio decoro, pela paz das consciencias dos seus amigos, e conhecidos, e de tantas pessoas, que no Sacramento da penitencia lhes confiaram os segredos da vida intima; que a despeito mesmo das lagrimas de seus paes, mães e parentes têm abandonado pelo vil interesse do ouro, por que se venderam, ou pelo desregramento da vida, a que se entregaram, estão dando o tristissimo escandalo de seguirem uma seita religiosa, onde este divino e augusto Sacramento é absolutamente combatido, ou pelo menos reconhecido por um modo inteiramente contrario á doutrina da Igreja Catholica nossa Mestra e nossa Mãe; não será conveniente, Meus Filhos em Jesus Christo, que nós por todos os modos possiveis afirmemos a nossa crença n'este sublime Mystério de Jesus Sacramentado?

Não tem a Santa Igreja dado o exemplo, instituindo tres grandes solemnidades annuaes para commemorar solemnemente este mysterio Sacrosanto, em que Jesus Christo antes da sua morte, quiz dar-nos a maior prova do seu amor, ficando em nossa companhia até á consummação dos seculos?

Quereis vós ser semelhantes aos impios e aos hereges, que pela sua impiedade ou pela sua ingratição abominavel, são os unicos inimigos declarados do Mystério augusto do Santissimo Sacramento dos nossos altares?

Nós somos testemunha ocular do respeito e acatamento, que os gentios

e idolatras mostram para com este altissimo Mystério.

Reverendos Parochos Nossos cooperadores, vós todos Sacerdotes catholicos, que vos conservaes firmes e inabalaveis na vossa fé, dae ao povo christão das vossas freguezias um testemunho publico da vossa piedade, dando ou assistindo á benção do Santissimo Sacramento. Mostrae por este modo que tendes em subido apreço a dignidade sacerdotal, de que pela graça de Deus vos achaeis revestidos, e que por motivo ou conveniencia alguma abdicaeis, despresaeis, deshonoraeis o nome e o emprego do Sacerdote, trocando-o vergonhosamente pelo nome e emprego de ministro de um culto, onde, se ainda ha templo, não ha altar nem sacrificio.

Por Deus, Meus Filhos em Jesus Christo, vinde ao templo do Senhor visitar o Santissimo Sacramento e adorar a Deus no santo Mystério da Eucharistia; vinde, vinde receber a sua benção durante a vida, para que na hora da vossa morte passaeis digna e fructuosamente recobor tambem a sua visita, a sua benção, e alcançar a vossa salvação eterna.

E para que da Nossa parte não falte meio algum, que possamos empregar para conseguir tão piedoso intuito e tão louvavel fim, concedemos a todos os fieis, que, em cada um dos domingos do anno, contrictos e arrependidos de seus peccados, assistirem devotamente a este acto do culto religioso, quarenta dias de verdadeira indulgencia, que poderá tambem ser lucrada nos Sanctuarios e Igrejas de Religiosas e Ordens Terceiras existentes n'este Nosso Arcebispado.

Os Reverendos Parochos não só deverão ler á estação da missa conventual esta Nossa Provisão; mas tambem explical-a do modo que julgarem mais conforme ás condições das suas parochias, e registal-a no livro das suas Igrejas, na fórma do estylo.

Dada e passada n'este Paço Archiepiscopal de Braga aos 17 dias do mez de novembro de 1878, sob o Nosso signal e sello das Nossas armas.

Logar ✕ do sello.

João, Arcebispo Primaz.º

## SECÇÃO RELIGIOSA

Damos hoje cabida ao seguinte formoso artigo, que chegou um pouco tarde para que o podessemos inserir no nosso precedente numero. Viria ontão mais a ponto, porque coin-

cidia com o oitavario da Festa da Immaculada Conceição, mas nem por isso é agora inopportuno, sendo todos os escriptos que teem por objecto, Maria sempre actuaes e opportunos em um jornal catholico.

### A Immaculada Conceição

A definição d'este dogma augusto é sem duvida uma das mais puras glorias d'este seculo e um dos mais bellos florões da corôa de Pio IX. Tem-se dito, e não enfada o repetil-o.

Era justo que o chorado Pontifice, que sabia captar a admiração e sympathias dos proprios dissidentes; esse, cujas desgraças nunca poderam apagar o sorriso que aos labios constantemente lho mandava um coração angelico; era justo, ia eu dizendo, fosse elle quem firmasse com o selo da fé o glorioso privilegio d'Aquella, que, antes de sentar-se em seu throno de Rainha dos Anjos, teve de sofrer na terra exercuciantes dôres, incomparaveis angustias.

A velha serpente sibilou e enfureceu-se. Debalde! No seu estrebuxar impotente apenas conseguiu denunciar a força do pé que fôra destinado a esmagal-a.

A definição do sabio Successor de S. Pedro, foi, nem podia deixar de ser, opportuna.

Quando os vapores mephiticos da corrupção e da soberba toldam o horisonte, então mais que nunca deve ser glorificada a pureza e a humildade.

Apezar dos espantosos desvarios do espirito humano, que se hão accumulado no sorvedouro profundo dos seculos e que o pensador contempla aterrado, n'estes tempos de positivismo e sensualidade a razão tão limitada não reconhece limites; o homem, rebelando-se contra Deus, só presta culto a si proprio. Não obstante o fulgor dos factos estrondosos, que attestam a vinda e divindade de Jesus, a moderna sciencia ousa chamar um *mytho* á realidade da historia!

A Igreja porém que, velando pelo deposito da fé, ao mesmo tempo ampara e salvaguarda a verdadeira sciencia, vibra um golpe ao *racionalismo*, definindo pelo orgão de seu Chefe Supremo — que a Virgem Maria fôra concebida sem mancha do peccado original. Affirma assim mais uma vez o *sobrenatural* e a existencia da culpa primitiva, que inficionára a natureza humana, origem fecunda de trabalhos e misérias.

Por sobre a cerração, em que se extravai e desastadamente se perde a razão orgulhosa do homem, faz brilhar a luz benefica da Estrella, que

sempre fôra fanal amigo dos naufragos: *Amica Stella naufragis*.

E para que não restasse a menor duvida acerca da decisão do Pai infallível dos crontes, a mesma Virgem (facto singular!) vem confirmar por sua propria boca a verdade proclamada pelo Vigario do Filho!

Doixa os eternos tabernaculos, onde contempla a Trindade Santissima; atravessa os espaços luminosos, onde soa a harmonia das espheras; entra em seu carro de nuvens e voa rapido sobre as azas dos ventos. Volve o olhar (esse olhar que serêna as tempestades) á terra privilegiada da França, patria de S. Bernardo, e lembrando-se talvez ainda dos ineffaveis enlevos que um dia sentiu ao estreitar em seus braços sua amiga Isabel, procura como outr'ora, uma *cidade das montanhas*; ali na *Gruta de Massabielle* soltando a voz, cuja melodia, no dizer de Lasserre, embriaga os ouvidos dos anjos, diz em intimo colloquio á pastorinha das serras do Bratrès:—«Eu sou a Immaculada Conceição».

Mais uma vez o Senhor abatera os soberbos e exaltára os humildes!

Viu com dó o seu povo caminhar erradio e sequioso pelas agruras do deserto e, recordando-se das antigas misericordias, faz de novo rebentar da penha o jorro d'aguas limpidas, onde possam á vontade dessedentar-se e abluir-se estes israelitas ingratos.

Grandes são as maravilhas, que por intermedio d'Aquella, a quem a Egreja chama *Saude dos enfermos* e *Consoadora dos afflictos*, teem sido operadas em Lourdes!

Dissipar-se-hão por fim as trevas dos espiritos obsecados?... Só o latego da justiça divina poderá talvez acordar esta sociedade prevertida...

Quando o imperio romano se desfazia em podridão, corroido por um formigueiro de vicio, mandou Deus as hordas selvagens d'Alarico e d'Attila a expurgarem a terra. Não tardará muito o dia em que os campos talados, as cidades em ruinas, os escombros de palacios e templos, o fumegar do sangue e o crepitar do incendio, atestem o poder e ferocidade dos novos barbaros. E peiores que os do seculo 5.º, serão os barbaros do seculo 19.º

Os primeiros eram almas virgens, para quem o Christianismo tinha os incantos de linguagem desconhecida; e por isso diz um escriptor,—quebravam no fundo das selvas ou no topo das montanhas as imagens de Odin e de Freda e corriam a abraçar-se com a Cruz. Os segundos são gente gasta e corrupta, que só encontram prazer no lodo vil das paixões grossas; por isso despedaçam a Cruz e,

se não correm a abraçar-se com as imagens de Odin e de Freda, é porque em nada acreditam. Os antigos hunos pararam e retrocederam ante a magestade de S. Leão Magno; os novos teem sede do sangue d'outro Leão, sobre o qual cospem o vilipendio e o insulto. Mas a paz ha de por fim reinar. Assim como dos fragmentos do mundo romano, ao sopro vivificador do Evangelho surgiram nações florescentes: assim tambem dos destroços das modernas sociedades se levantarão povos ricos de creanças, hauridas no rochedo da Egreja.

O' Vós, que tendes um diadema de estrellas, fazei em breve raiar aquella, que nos annuncia a aurora do novo dia! Se muitos, ó Virgem, te desconhecem ou voltam costas, milhões de crentes te invocam e reverentes se prostram, prestando-te louvor e homenagem. Resoam no mundo as festas, celebrando a tua Conceição Immaculada. Estende pois sobre elle teu manto protector, ó Mãe amorosa. Sê tu a pomba mystica que venha trazer-nos o ramo d'oliveira n'este diluvio de males!

P. FRANCISCO DOS SANTOS E CUNHA.

### Os nossos correspondentes

Pede-me essa redacção alguns artigos para o *Progresso Catholico*: Não é possível negar-me a um pedido tão justo, sendo commum a causa santa pela qual tambem em França combato com a penna, conforme posso. Já não principio cedo de mais a minha missão de noticiarista para essa folha. Estrearei a presente correspondencia pela cidade eterna.

O discurso do sabio Pontifice que actualmente rege a Igreja, e que abaixo transcrevemos, é um programma completo. Desde a sua ascensão ao throno pontificio, Leão XIII, não cessa de repetir que o estudo de S. Thomaz deve ser a base do ensino philosophico e theologico. Não cessa de repetir que nos tempos presentes, é de primeira necessidade inculcar aos jovens levitas doutrinas solidas e puras. Acaba de o repetir da maneira mais formal n'uma audiencia que se dignou conceder aos jesuitas, professores no Collegio romano.

O R. P. Cardella, provincial, fallou em nome de todos os professores. Leão XIII respondeu-lhe por um discurso em latim, cuja traducção é a seguinte

«E' sem duvida para todo o homem dado ao estudo, uma cousa agradável e cheia d'incanto, a lembrança do tempo passado, durante o qual o espirito, avido de se instruir, s'exercitava na arêna da litteratura e das sciencias: é doce recordar o berço da pri-

meira educação, e esses homens distinctos, que se applicaram cedo e com zelo a impregnar nossa alma das melhores doutrinas. Eis o motivo porque vossas excellentes palavras e vossa presença Nos causaram uma alegria profunda, reportando-Nos ao tempo em que Nós faziamos parte dos alumnos do Collegio Romano.

«Praz-Nos recordar-Nos da tranquillidade tão feliz d'essa idade, e da eminenté sabedoria, assim como da generosa liberdade com que Leão XII, Nosso predecessor, s'applicou a restaurar os estudos, depois de ter entregue á Sociedade de Jesus a direcção do Collegio Romano; praz-Nos recordar-Nos do grande número de condiscipulos, dos exercicios publicos, verdadeiros estímulos sollemnes, d'esses mestres eminentes e esforçados, os João Mauri, João Perrone, Francisco Manera, Antonio Ferrarini, André Carafa, João Baptista Pianciani e os outros cuja auctoridade e benevolencia conhecemos. Declaramos de bom grado e publicamente que nosso coração ficou desde então unido a estes homens que acabamos de nomear e a vosso instituto, por laços tão poderosos que nada pôde nem poderá jamais quebral-os nem afrouxal-os.

«Nossa alegria não foi menor, vendo com que inteira docilidade de vossos espiritos, e submissão de vossa vontade, correspondestes aos desejos que exprimimos varias vezes com relação ao methodo d'ensino e ao plano d'estudo das sciencias sagradas ou philosophicas.

«Ninguém de vós certamente ignora a necessidade que hoje ha de impregnar d'uma santa e solida sciencia os mancebos, sobretudo aquelles que se educam com a esperanza da Egreja, tanto para refutar os erros espalhados por toda a parte (e que, não sómente combatem as verdades sobrenaturaes, mas que destroem pela base até as verdades naturaes), como para oppôr á sciencia que se diz temerariamente unica digna d'este nome (e que, inimiga da fé e da razão quasi que conquistou já a preponderancia nas escólas), outra sciencia apoiada sobre solidos principios, ensinada segundo um justo e recto methodo, e conforme, como convem, á fé e á revelação.

«Mas a sciencia verdadeiramente digna d'este nome não é outra, que Nós sabemos, senão a que nos veio dos Padres da Egreja, foi compilada em corpo perfeito de doutrina pelos doutores scholasticos, sobre tudo por seu principe o divino Thomaz d'Aquino, e que, preconizada pelos concilios ecumenicos e pelos Soberanos Pontifices, foi durante varios seculos a

lei e a regra do ensino nas universidades catholicas e nos gymnasios. Querendo pelo accrescimento e brilho dos estudos, restituir a esta sciencia sua antiga dignidade, não podemos deixar de dirigir nossos cuidados para o Atheneu Gregoriano; porque ainda que deploremos vivamente que fosse expulso de seu estabelecimento proprio, e que o numero de seus discipulos tenha diminuido pela desgraça dos tempos, todavia, sua reputação e importancia são ainda taes que elle póde contribuir muito para a feliz restauração, e para o progresso dos estudos.

«Demais, não duvidamos de que, segundo vossa promessa, consagreis a este mister todo o vosso zêlo e toda a vossa capacidade. E' com effeito o que exigem a affeição particularissima que professaes pela auctoridade pontificia, em razão de vossa instituição, e as mesmas constituições da Sociedade, que proveem a que os estudos theologicos e philosophicos sejam ensinados segundo a doutrina e o methodo do divino Thomaz d'Aquino.

E' em fim, o que pedem de vós o caracter e a condição do Atheneu Gregoriano destinado a receber alumnos de diversas nações, que possam depois facilmente derramar no mundo as fontes saltares da sabedoria divina e humana, ondê seu espirito será felizmente densedentado.

«Confiados n'isto, pedimos instantemente ao Deus de bondade, Pae das luzes de quem vem toda a sabedoria, que esclareça com sua divina luz, e de vos dar as forças e a coragem para os combates da verdade. Como penhor d'estes beneficios e em testemunho de Nossa particular benevolencia para convosco, vos damos affectuosamente a vos e a toda a Sociedade, e a todos os alumnos de vossas aulas, a benção apostolica.»

Em quanto o Soberano Pontífice trabalha assim para dar aos estudos philosophicos e theologicos toda a força e esplendor necessario em um tempo como o nosso, em que, com o nome da sciencia querem destruir a ordem sobrenatural, não é sem um doloroso interesse que lançamos os olhos sobre a desorganisação interior da Italia, para julgarmos assim das consequencias desastrosas que alli produzem as más doutrinas.

E' o assassino Passavanti que atrahê todos os olhares. Este desgraçado fazia parte das sociedades secretas, e pertencia á seita dos socialistas mais avançados.

Eis o interrogatorio que soffreu. Vêr-se ha que grão de cynismo se cõllhe n'estas affiliações satanicas onde desaparecem todos os sentimentos de pudor:

«P. Como te chamas? (E' preciso notar que em Napoles não se diz vós.)  
R. Passavanti Giovanni, filho do defunto Pascal.

P. Que idade tens?

R. Vinte e nove annos.

P. Onde nasceste?

R. Em Salvia, termo de Potenza.

P. Qual é a tua profissão?

R. Cosinheiro.

P. Porque quizeste matar o rei?

R. Tanto *apparato*, tantas festas agastavam-me. Eu disse para comigo: Como assim! elle comerá dez pratos e eu um só! Eis a razão porque o quiz matar.

P. Como procuraste a faca?

R. Comprei-a a um bul'arinheiro da praça Franzesi.

P. É o panno vermelho?

R. Comprei-o a um negociante.

P. Quaes são as tuas opiniões?

R. Eu sou republicano socialista. Minha profissão de fé estava escripta no panno vermelho: «Viva a Republica universal!» Peço que se insira na acta que tinha tambem escripto: «Viva Orsini!»

P. Tinhas realmente a intenção de matar o rei, ou sómente de o ferir?

R. Eu queria acabar com elle. Se tivesse dinheiro, teria comprado um revólver, e o golpe não houvera falhado.

P. Infeliz! teu crime não te causa horror?

R. Não; eu sou inimigo dos reis e dos imperadores por causa do seu luxo. Compreendi por tudo o que li que os reis gastam muito dinheiro.

P. Porque continuaste a ferir?

R. Que quereis que vos diga? Eu não sabia o que fazia.

P. Não viste que o povo te queria matar? Sem a força publica, tu já não viverias.

R. O povo é composto de fracos; obra sempre da mesma maneira.

P. Quaes são teus cúmplices?

R. Não tenho nenhuns. Se os eu tivesse, com o dinheiro que elles me dariam poderia comprar um revolver.»

Em outro interrogatorio, soffrido mais tarde, Passavanti deu as respostas seguintes:

«P. Ha quanto tempo estás tu em Napoles?

R. Desde o mez de maio.

P. Que viste fazer a Napoles?

R. Nada.

P. Tu és um estúpido; sacrificaste a ti; e os teus companheiros, que te fanatisaram, souberam pôr-se ao largo.

R. Não tenho companheiros.

P. Mas não pensaste tu que ainda mesmo que matasses o rei e que a republica fosse proclamada, ficarias pobre, esquecido?

R. Historias da vida!...

Estas palavras foram pronunciadas com uma emphase que revela toda a força do fanatismo d'um bruto. Causou em todos uma profunda impressão.

«P. Tu que te dizes republicano, e que deves por consequencia venerar as grandes figuras dos patriotas, porque tiveste a ousadia de ferir igualmente Cairoli?»

R. Ora! Tambem elle é um lacaio.»

A effervescencia continúa na peninsula, e a reacção que quer tentar a politica de Humbert parece dever ser impotente para deter a torrente revolucionaria. Por toda a parte se manifestam projectos subversivos, conspirações criminosas.

O rei não é mais que uma auctoridade ficticia sem poder moral. Ah! o desgraçado expia a consequencia das doutrinas consagradas pela politica de seu pae e por elle mesmo!

O radicalismo francez continúa por todos os meios a fazer guerra ás escolas congreganistas. Comprehende a força d'aquella palavra de Leibnitz:

«Sempre entendi que se reformaria o genero humano, se se reformasse a educação da mocidade.»

Por isso, nada ommitte para ter escolas, em que será supprimido o ensino religioso, suppressão efficacissima para prodmzir revolucionarios. Já que os revolucionarios tanto pugnam pela escola sem Deus, os que não quiserem passar por taes devem comprehender, uma vez por todas, com que zelo lhes convém sustentar, defender e vingar as escolas em que com os principios orthodoxos se bebe a mais solida e legitima instrucção.

Ao invés do que se pratica em Franca, a Allemanha, movida pela inspiração do seu desilludido Imperator, vae empreender uma reforma da instrucção publica. No programma da dita reforma, entre outras cousas lê-se o seguinte: «O ponto mais importante, é a religião. (Ah! já!). A educação religiosa deve ser mais profunda e séria d'ora em diante. A este respeito, não estão as cousas organisadas como cumpriria, em Berlin.»

Se na Allemanha se comprehende, e com toda a razão, que a educação religiosa é a unica que seja capaz de refrear a desenvoltura das paixões, devemos convencer-nos de que outro tanto se dá com as outras nações, e aproveitar a lição dada pelo prussiano, isto é, combater com uma energia igual á do radicalismo para sustentar todos os estabelecimentos em que se inocula na mocidade uma educação profundamente christã, a par de um solido ensino scientifico.

O ABBADÉ ALAZARD, da diocese de Rodés.

## SECÇÃO LITTERARIA

## Atravez do jornalismo

Dizem-nos que na cadeira de *Sanskrito* do «Curso Superior (?) de letras» se vae provar um d'estes dias com toda a *evidencia* (como a de que 2 e 2 fazem 7) que o *sobrenatural* está por um fio, e acabará de morrer dentro em poucas semanas!

E este nosso governo a espremer as algibeiras do povo para distribuir centenas de mil reis por homens que deviam comer sopa em Rilhafoles (não se lhes podia fazer maior caridade)!

Lêmos n'um jornal da Madeira:

«O snr. José Ibanes, digno Director da Companhia Japoneza acrobatica e gymnastica resolveu *de accordo com os seus Irmãos das Respeitaveis lojas maçonicas d'este valle e Empresarios do Circo Funchalense, dar uma escolhida funcção no mesmo circo.» etc. e tal.*

Parabens aos filhos da viuva, os tro-lhas madeirenses! Bem nos parecia que suas *mercês* tinham estreito parentesco com os acrobatas e gymnastas de profissão, fossem elles embora beduinos ou japonezes! — São «irmãos».

Cá vae para o canhenho...

A *Democracia* de 19 de novembro, referindo-se ao attentado contra o rei piemontez, Humberto, diz que «por de traz da blusa do operario estava a rou-peta do Jesuita».

Está clarorio, maganô! Pois não foram os Jesuitas causadores do peccado de Adão? Oh! se foram!

«Eva deu credula ao marido credulo O fatal pomo; mas se bem meditas, Feitos serpentes se enroscaram n'arvore Os Jesuitas».

E Cain porque matou Abel?

«No justo Abel ferra o irmão mais velho Mortal paulada com as mãos malditas: Sabes quem deu o liberal conselho? — Os Jesuitas.»

Bem o sabe a *Democracia*, assim como não ignora que as pragas do Egypto e a desgraça de Samsão...

«O bello Egypto quem o inçou de pragas Para ir transpondo com os Israelitas, A pé enxuto do mar roxo as vagas? — Os Jesuitas.»

Samsão, acorda (diz traidora Dalilla); Tão descuidoso meu Samsão dormitas! — Estou pellado! — Pois então pellaran-te Os Jesuitas.»

Sim, sim, queridinha *Democracia*, tens toda a razão! E haver quem t'a negue, e quem julgue que és capaz de «fazer o mal e a caramunha»! Más linguas sempre as houve. Deixa fallar quem falla.

«O Jesuita d'hoje é petroleiro! Ninguém o crê por mais que repitas; Mas tens razão, que vês em teu tinteiro Os Jesuitas.»

Assim nol-o vfirmou o cidadão *Firmeza*, de *Lordellos*. Ora elle que o disse, é porque o sabe.

O que não sabe o dito cidadão é que tu mesma *Democraciasinha* latineira dos nossos peccados, não passas d'um Jesuita disfarçado.

Como se explicaria de outro modo o pasmoso artigo — «*Aura popular*» —, artigo d'eternas luminarias de que nos falla o *liberalismo desmascarado*, e outros muitos artigos teus, altamente compromettedores para a causa do liberalismo que advogas?!

Nada! por ahí anda mão jesuitica, bem se vê!

Dizem-nos que o *Diario illustrado* (?) bebeu da mesma vinagreira que a *Democracia*, sahindo a campo com a mesmíssima estupidíssima baléla — queremos dizer com a mesma noticia, *muito bem fundada e provada a fio de logica*, de que os Jesuitas são os que querem matar todos os reis — tanto os que os protegem (ex. gr. Affonso de Espanha) como os que se lhes mostram mais ou menos hostis.

Não é de estranhar: o *moderado illustrado* tem d'estas *illustradelas conscienciosas* desde aquelle celeberrimo «folhetim chagado» que, por ser *bisado*, entendeu o impertinente *Bem Publico* que devia ser *commentado*. *Coitado... do Illustrado!*...

A *Palavra* diz que n'uma carta de Madrid para um jornal de Lisboa se lê que Oliva Moncosy, o que tentou assassinar D. Affonso rei de Hespanha, declarara que, se fôr justigado, não quer ser assistido por sacerdote catholico.»

Querem-no mais claro?! Bem se vê *illustradinho veneravel* (..) que aquillo só de Jesuitas. Heim?!

Ah! bom Féval!...

O *Diario de Noticias* d'hontem accrescenta que «toda a imprensa republicana franceza é do mesmo parecer que os nossos *illustrados* e democratas. Que lhe preste!

Mas, uma pergunta, — o protector, o patrão Bismark está por isso, apesar dos pezares? Se não está... *garo!*, democratas, *illustrados, incolores*, e

republicheiros de todas as tintas pardas ou avermelhadas! O nosso *homem da vespera* será... queremos dizer, não será a flor da virtude e da probidade, mas tolo, varridamente tolo, tambem o não é.

*Ergo... rozas*. E cuidado!, que quanto mais vos embuças mais vos descubris. Para que haveis de arrenegar os *irmãos* ou os *primos* (pelo menos)? «O sangue tem vozes», — vozes mui altas, vozes estridentes, que vos atraçoam. Bem sabemos que os taes *irmãos* e *primos* são imprudentes, ingovernaveis, compromettedores; mas que fazer? Honra e proveito cabem n'um sacco?...

O *Diario de Noticias* ha dias, fallando dos que podendo trabalhar não trabalham e «até ignoram que o trabalho seja a unica gloria do homem», pergunta: — Mas é d'olles a culpa?; e logo responde: — Não». A unica razão que apresenta o *incolore* é a seguinte, que vale quanto peza, e que não desagradará certissimamente aos socialistas: «Uma organização social imperfeita os victima e lhes cria uma situação insolúvel».

Os homens do *Diario* estão no poder e tem os seus *irmãos* e amigos no poder em toda a Europa, em todo o mundo, se póde dizer: não sabemos porque não fazem, porque não decretam uma «organização social» *PERFEITA*...

Por outra parte, como se queixa o *incolore* dos governantes!? Não «educam» elles e não «desenvolvem aptidões» ensinando ou fazendo ensinar o atheismo em todas as suas escolas superiores e inspirando ou deixando livremente inspirar ás populações um odio figadal á religião christã e a todo o *sobrenatural*, como lhes indica quasi todos os dias que devem fazer o dito *incolore* e outros seus collegas do jornalismo liberal?...

O *Diario de Noticias* acha ser «assumpto interessante» o dos «pontos dados para o concurso da cadeira de historia universal e patria do curso superior de letras» pelos snrs. professores do mesmo curso, atheus-positivistas «Vasconcellos Abreu, A. Coelho, Theophilo Braga...»; e por isso os transcreve sem mais nenhum commentario, além do adjectivo «interessante».

*Agradou-nos* sobre tado o seguinte «ponto», que revela *alta sciencia* (diga-o, se não, Emilio Castellar, que ainda se lembra certamente da *tunda* que the custou): «3.º O mosaismo é na doutrina e no culto um resultado da theologia egypcia».

Como este, respirando impiedade por todos os póros (não fallemos de igno-

rancia sabichona) ha varios, embora disfarçados pela maior parte com certa mascara, e impingidos assim como quem não quer a coisa. Por ex.: «A religião romana (o antigo paganismo) decahiu por influencia da philosophia, pela absorção dos cultos das nações conquistadas, e da influencia dos cultos e idéas religiosas vindas da Asia no primeiro periodo do imperio; — a posição social das mulheres no primeiro periodo do imperio romano era perfeitamente (*sic*) comparavel, nas classes livres, á das mulheres de hoje em todas as relações internas e externas» (como quem diz as mulheres nada devem ao Christianismo; com o paganismo estúpido em que se adorava um Jupiter, uma Venus e Cupido, etc., podiam ser tão felizes!); — o martyrio dos christãos de Cordova foi um resultado do intolerantismo christão é sabido desde ha muito que no Portugal moderno ha christãos mais turcos que os proprios turcos); etc.

Achamos uma certa graça a est'outro «ponto»: «Nero foi dotado de talento administrativo».

Ha pouco tempo lemos n'uma pseudo-historia da Edade Media, que por ahí corre, grandes elogio á «philosophia» e á «tullerancia illustrada» de Juliano-Apostata. Por este correr bem depressa se encontrarão bellissimas qualidades no diá...cho. Estes nossos positivistas de cursos têm coisas!...

O supradicto *incolor*, no citado n.º, affirma pela centesima vez (queremos porém suppôr que sem perceber o alcance da sua proposição), que a «circumstancia psicologica da allucinação se pôde afirmar de certo de todos os suicidas,» — o que é falso, falsissimo e além d'isso doutrina grandemente anti-humanitaria

A *Ordem*, de Coimbra escreveu a tal respeito um bello artigo, que vale a pena lêr-se. Nós tomaremos a liberdade de acrescentar *corrente calamo*, primeiramente, que se os suicidas não passam nunca de pobres allucinados cujo crime não é voluntario e não lhes é por isso mesmo imputavel (é n'este sentido e não em outro que o *incolor* tem insistido desde ha uns poucos d'annos na sua especiosa doutrina, para condemnar como inuteis e cruéis as mui caritativas leis da Igreja, repressivas do suicidio sem aliás prejudicarem ao desgraçado suicida), n'esse caso o ladrão e o assassino, o soberbo, o avarento, o luxurioso, o iracundo, etc., quando se entregam a suas paixões, são pobres allucinados e não merecem por tanto algum castigo, devendo supprimir-se por inuteis e cruéis todas as leis punitivas e os codigos criminaes. Em

segundo logar, como a dita «allucinação» tem facil remedio (dil-o a experiencia, a sciencia historica), applique-se. O remedio é inspirar terror ao suicidio por meio de leis (mas leis que se cumpram), tanto mais severas quanto mais caritativas ou humanitarias — philanthropicas — se quereis. Em Lacedemonia curou-se a «allucinação» epidemica das moçoilas suicidas só com a ameaça de lhes expôr os cadaveres, nus, na praça publica; no exercito francez do Egypto, sob Napoleão 1.º curou-se radicalmente a dos soldados privando-os das honras militares e taxando de cobarde no livro-mestre do regimento o desgraçado que se tirava a vida; em todos tempos conservou-se nas mais infimas proporções entre os fiéis dos paizes verdadeiramente catholicos applicando-se sem sophisticas branduras a lei canonica que priva das orações publicas da Igreja e da sepultura ecclesiastica.

Porque tanto desejarão os periodicos liberaes que nada disto se applique para curar ou diminuir a «allucinação», e antes desejam que se empregue exactamente o proceder contrario, chegando a fazer ou a promover quasi-quasi a apothecose de miseraveis suicidas?! Haverá quem negue que anda aqui a influencia do *princeps tenebrarum*, — do *dêmo*?...

A coisa, naturalmente, é certo que se não pôde explicar. Por tanto... satanismo no caso: não ha meio termo, parece-nos. Se alguém o encontrar, avise, e receberá alviças.

Um Vimarannense.

## SECÇÃO CRITICO-BIBLIOGRAPHICA

Estreamos hoje esta secção, prometida desde o primeiro numero da nossa folha. E' ter boa vontade de não demorar por mais tempo o cumprimento da promessa, porque nos falloce quasi completamente o tempo para fazer-o, absorvidos como antamos, entre outros labores, pela traducção do 2.º volume dos *Jesuitas* de Féval, que está por dias a sahir á luz.

Escassos momentos, pois, podemos consagrar á leitura das muitas obras religiosas, scientificas, e litterarias, que quasi todas as semanas nos toem sido remettidas da livraria editora Chardron, da do Teixeira de Freitas, o bibliópola catholico do nosso paiz, e directamente dos seus mesmos auctores. Sendo assim, mal e bem mal poderemos desempenhar-nos da missão de bibliographiar as referidas obras, e

muito mais de as escarpelisar, como nos cumpre, consoante os recursos do nosso senso critico christão, e, bem que parco, outrosim litterario. Não concebemos de outro modo o mister de bibliographo n'uma gazeta catholica, que não pôde nunca fazer abstracção da doutrina d'um livro, convertendo a sua secção editorial em mero registro de importações litterarias.

Não tomem, portanto, autores, nem editores, o nosso silencio, até agora guardado, por signal de menospreço pelas producções que nos toem enviado, e que aqui accusamos e agradeçemos. Só dispomos de vinte e quatro horas por dia, distribuidas (não ha remedio) quasi tão mathematicamente como as Tabuas d'Euclides, e não obtivemos por ora o fortunão de sustar o movimento da terra em torno do sol, como Josué!

«Saraiva e Castilho (2.ª parte)», «Curso de Philoiphia elemental de Balmès, traduzido por José Simões Dias», Cathecismo exemplificado de Mach, traducção do padre Luiz Seabra», Novo Resumo da historia Moderna de Portugal por João Diniz», «Sentido litteral, moral, e historico dos Ritos e Cerimonias da Missa, traducção do latim do padre Antonio Fernandes Cardozo», «Historia popular dos Papas de Chantrel, traducção de Antonio José de Carvalho», etc., etc., são outros tantos titulos de recentes edições religiosas, que indefinidamente se vão sobrepondo sobre a nossa banca de trabalho, e nol-a emparedam, cercando-nos como um exercito que nos corta a vanguarda, á espera, não de um ataque, mas de uma apreciação.

Entre ellas accomodam-se como que a furto o á traição outras de differente jaez, de indole opposta, como reus de leso-catholicismo e de lesa-moral, que sabem perfeitamente que estacionam em territorio hostile, e só toem a esperar do mim sentença condemnatoria. Taes são o patife do *Primo Basilio* do Eça, *Fôra da Terra* de Chagas (Pinheiro), *Positivismo* do Joaquim das *Visões* etc.

Com estes amigos teromos mais larga audiencia dentro em breve. Por ora, não m'o permite de modo algum o tempo, posto que me forniçue a valer nos dedos o bicho carpinteiro. A vez não a perdem.

Algumas palavras, em primeiro logar, sobre a «Philosophia elemental» de D. Jayme Belmes. Hoje em dia já, a bem dizer, nem é licito elogiar este sabio, este profundo philosopho da catholica Hespanha; seria faltar-lhe ao respeito. O seu ribme é tão universalmente acceto contra o dos

benemeritos da humanidade, tão grande como o dos escriptores immortaes. E' o Leibnitz, o o De Maistro da peninsula.

Bastaria a sua obra «O protestantismo comparado com o catholicismo» para lhe ontalhar um nome na rocha viva da gloria.

O livro que apreciamos não é um tractado diffuso e profundo de philosophia transcendental, é, digamol-o assim, um compendio de philosophia, que só leva a mira em expôr methodicamente os principios elementares d'aquella sciencia-mãe; mas não sei que haja compendio que a este sobreleve sob o aspecto apontado.

Parecia que Balmes devia principiar o seu curso elementar pela ideologia e psychologia, sciencias, que na ordem inductiva, precedem a arte de conhecer a verdade, ou a logica, parte inicial do mencionado Curso; por em «nos livros de ensino (como este é) não se busca o mais philosophico, (conforme se exprime Balmes, ante-vedo a objecção) senão o mais util para ensinar», e nada mais util do que começar por aquella parte da philosophia que inicia o alumno na arte de raciocinar e de descobrir a verdade. Dá-se-lhe á entrada a chave com que deve abrir, por assim dizer, a porta das diversas secções em que se divide a nobre sciencia, por excellencia chamada, a sciencia da razão.

Balmes guarda um discreto meio termo entre o methodo méramente escholastico ou syllogistico do antigo Lyceu atheniense, formulado no *Organon* de Aristoteles, posteriormente tão empregado pelos philosophos christãos da Edade-Media, e o methodo discursivo, e menos formal da sciencia moderna. O primeiro, de facto, é mais rigoroso, e demonstrativo, e portanto, de mais prompta comprehensão, mas é sobremodo arido, e porventura um pouco artificioso, attingindo ás vezes a affectação da subtileza, como acertadamente diz Bacon, e depois d'elle o theologo contemporaneo Sanches, o segundo é menos didactico, menos preciso e claro, porém mais ameno, e mais natural, acompanhando a intelligencia nas evoluções espontaneas com que ella procede, no estudo das sciencias, dos phenomenos para as leis que as regem. Na conciliação d'estes dous methodos está o segredo do summo interesse com que se lê o Curso Elementar de Balmes, e a garantia da sua proficuidade relativamente ao fim que elle se propõe.

A perspicuidade, ou a lucidez, a singeleza, o nervo logico, a perspicacia da observação, são as caracteristicas d'esse livro que quizeramos vêr, no menos como expositor, nas mãos de

quantos estudam a grande sciencia universal, que ainda hoje comprehende a metaphysica, em que peze aos Litros, d'obra grossa, que por cá já temos.

O principal merito que na philosophia elementar de Balmes encontramos, e pela qual, alem dos referidos, muito e muito a apreciamos e encomendamos nos leitores, *maxime* á mocidade das letras, é a sua indole profundamente espiritualista e christã. A *Summa thomasiana*, *supremo* esforço da verdadeira philosophia, revive em Balmes nas sanissimas e elevadas doutrinas do seu precioso livro. O discipulo trilha o passo a passo os vestigios do mestre, não, certo, ás cegas, senão com o criterio de uma razão alumia-dissima em que se reverbera o pasmoso clarão de outra. Nem tal me admira. A *Summa ad gentes* de S. Thomaz era o livro predilecto do celebre philosopho catalão, o seu *vade-mecum*. Sabia-o de cór, como nos refere a sua biographia.

São obras d'este quilate puras nascentes em que se pode beber à *pleins bords* a seiva vivificante das verdades racionais, sem receio de haurir o veneno do lethal scepticismo, ou do estúpido materialismo. Não truncam o homem, como o victimario estipendiado do Theophilo Braguinha, para fazerem do principio da criação uma posta de carne.

Nossos cumprimentos ao excellento traductor, e distincto litterato o Snr. Dr. José Simões Dias, e oxalá que o arrojado editor Chardron *sempre* nos dê d'estas preciosas drogas de consumo.

PADRE SENNA FREITAS.

## RETROSPECTO DA QUINZENA

Principiamos esta secção dando noticia d'uma festividade que houve n'esta cidade no dia 8 do corrente. Não porque ella fosse d'essas festas que deslumbram pelo adorno do templo, pela profusão de lumes e flores, ou que arrebatam pela bem afinada orchestra ou bem tecidos discursos. Nada d'isso. Foi uma festa humilde, pequena, por assim dizer, e ignorada até por muita gente. Uma missa cantada, e o Santissimo Sacramento exposto; eis a festa. Havia porém o motivo, a causa e isso é o bastante para que nós d'ella nos occupemos. Memorava a real irmandade de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos o dia em que abriu uma escola para meninas, dirigida por irmãs de Caridade.

Finda a missa, dirigiu-se a Meza e as alumnas para a casa da escola, onde se elevava, entre myriades de lumes e flores, a imagem da Virgem Immaculada. Uma vez ali uma das meninas, em nome de todas, recitou uma mimosa poesia dirigida á irmã directora, e em seguida offertou-lhe uma coroa, tambem em nome de todas.

Era a innocencia a recompensar a virtude, a abnegação, a caridade. Quando vemos o amor com que as creanças das escolas christãs tratam as directoras, e recordamos o quanto custa ás das outras escolas encontrarem-se com os mestres, sobre de ponto a nosso admiração, e hem dizemos essas mulheres, que se esquecem de si proprias para se darem em sollicita amizade a todos aquelles de quem se approximam.

Depois da scena que descrevemos, seguiu-se o jantar aos pobres, que a mesma irmandade sustenta no seu asylo; ali não foi menos pathetico o quadro. Em volta da meza rodopiavam as mais velhas das alumnas, servindo os pobres, com essa caridade, com essa alegria que só em almas innocentes e temperadas nas doutrinas do christianismo se podem encontrar. Erão os anjos da innocencia a distribuir em nome de Christo o pão aos necessitados, mas sem apparatus, sem musica, sem foguetes. Era a caridade evangelica exercida por essas criancinhas que aprendem desde pequenas a ser mulheres christãs.

Uma escola christã! Que ha ahi de mais formoso, de mais poetico, de mais sublime que tudo quanto se passa n'uma escola christã? Como essas criancinhas, que hoje correm contentes para a escola, devem ser boas mães, boas esposas, assim como hoje são boas filhas! Podem, não servir, como as das escolas livres, para adornar uma sala de theatro, nem para redemoinhar vertiginosamente n'um salão de baile, nem para varrer galhardamente as areias que pejam os passeios, com as cáudas roçagantes de seus vestidos; mas saberão presidir em meio de familia, saberão fazer dos braços um berço para embalar o filho adormecido, e ensinar-lhe, ao despertar, a erguer as mãos para louvar ao Senhor. Não sairão da escola christã as mulheres romanticas, as que encontram no suicidio um refugio para as adversidades da vida; mas saem as mulhes piedosas, que sabem, na desgraça, cair prostradas aos pés da Cruz, e viver para Deus, abafando as paixões que lhe vão n'alma, sob as abobadas do claustro.

Bem haja quem confia a educação dos filhos a essas mulheres que são grandes em

toda a parte, quer as contemplemos de noite em meio d'um campo de batalha, guiadas pelo gemido dos moribundos, a procurar dores que mitigar, feridas que cicatrizar; ou as admirarmos nas ambulancias, nos hospitaes, onde o soldado chora a ausencia da terra que lhe foi berço, onde lhe falta uma mãe, uma irmã, uma esposa para lhe dar o ultimo adeus, e que tudo isto encontra n'essas mulheres, ou antes, n'esses anjos que pairam, como a providencia, em volta dos desgraçados.

Já que vimos de nos ocupar d'um assumpto tão sympatico, qual o de uma escola christã, não devemos deixar de fallar d'uma instituição, digna a todos os respeito da admiração de todos os que se presam de catholicos. Vamos fallar da Conferencia de S. Vicente de Paulo, da cidade de Braga, ou antes vamos dar a palavra ao nosso collega o *Amigo do Povo*, que se exprime nos termos seguintes:

«Reuniu-se o conselho geral da Conferencia de S. Vicente de Paulo, sob a presidencia honoraria do sr. Arcebispo Primaz. A convite do digno presidente da Conferencia, o sr. dr. Antonio Maria Pinheiro Torres, usou da palavra o nosso amigo e illustradissimo sacerdote, o sr. P.º Senna Freitas Ouvimol-o como sempre: com muito prazer e muita satisfação. Quando o talentoso sacerdote fallou do zelo, da competencia, e das altas faculdades do sr. Pinheiro Torres, o auditorio, que era selectissimo, applaudiu o orador. Pela veneração que nos inspira o elevado talento do distincto presidente da Conferencia, imagine-se o prazer que sentimos com tão espontaneos e tão sinceros applausos.

Levantou-se depois o sr. Pinheiro Torres, e, em stylo singelissimo, despretençioso, incisivo, incitou o auditorio a seguir o exemplo de S. Vicente de Paulo: — Praticando o bem, exercendo a caridade.

Procedendo-se á collecta, todas as mãos se abriam, sendo o primeiro a dar o exemplo o sr. Arcebispo Primaz.

Oxalá tão generosa e sublime instituição encontre n'este bom povo corações amigos que lhe deem um caracter verdadeiramente grandioso e opulento — grandeza e opulencia que servirão para miuorar muitos infortunios, para enxugar muitas lagrimas e para attenuar tambem a indigencia moral, cujo imperio é, desgraçadamente immenso e vasto.»

Não transcrevemos o mappa da receita e despeza da mesma Conferencia, por nos faltar o espaço, mas é bastante para provar de quanta utilidade é uma tão pia instituição, dizer que nos dez mezes que tem de existencia distribuiu esmolas, em generos, no valor de 511,486 rs.!

Como era agradável para todos os corações christãos ver estas Conferencias creadas em todas as terras importantes do paiz!

Em um jornal de Madrid acabamos de ler um artigo sob o titulo de *O socialismo em Portugal*, que muito quizeramos traduzir para as columnas da nossa Revista. Falta-nos, porém, espaço para tanto, que não, por certo, a boa vontade. Eis alguns trechos que traduzimos aqui e ali, onde mais se lixou a nossa attenção.

«Na hora presente o estado sanitario de Portugal é assaz triste; o sangue que por suas veias circula está infeccionado de socialismo, e só falta que um successo politico abra uma ferida em seu corpo, para que ali afluam os maus homores e se desenvolva a gangrena.

«O agente d'estes malles, ali como em toda a Europa, é a indiferença religiosa que se propaga espantosamente. As sementes da impiedade, lançadas n'este paiz pelo tristemente famoso marquez de Pombal, não deixaram de dar seus fructos desde que as ruas de Lisboa foram regadas com o sangue innocente do padre Malagrida. Os portuguezes que até então sabiam orar e trabalhar, aprenderam depois o caminho das riquezas usurpadas, e dos attentados cobardes e ruins, contra a justiça de Deus e os direitos dos homens que d'ella se derivam. A partir d'esta epoca, a corrupção em Portugal tem sido constante e profunda; a abjeção mais vergonhosa se apoderou de todas as classes sociais, fazendo que todas degenerassem.

«O marquez de Pombal fez o que fazem todos os ministros que se elevam de repente: introduziu em Portugal as galas e artificios do progresso material, para cobrir de flores artificiaes o abyssimo aberto por suas mãos. Portugal, deslumbrado, alucinado por estas provas de prosperidade material, caiu facilmente na rede de seu caçador, e hoje a sua memoria é lembrada com gratidão pelos portuguezes.

«Pombal é o Cavour de nossos visinhos, e assim como a memoria do ministro piemontez, conservada em estatuas e lapides nas praças publicas de Italia, é uma propaganda constante d'impiedade, e um hymno a usurpação dos mais sacratissimos direitos, o nome de Pombal, honrado pelos portuguezes, é, da mesma forma, o agente natural do socialismo, um protesto vivo contra a religião e contra a sociedade.

«Repetindo o que dissemos ao principio, diremos: no dia em que estale a bomba socialista em Hispanha ou Portugal, o incendio será geral em toda a Peninsula, porque as ramificações do combustivel se comunicam em ambos os paizes, prestando-se mutuo apoio contra a presistencia dos governos, e, mais ainda, contra a acção salvadora das instituições catholicas.»

Devem estar lembrados noosos leitores de lhe havermos annuciado, em o nosso primeiro numero, a appareição d'um prospecto para o periodico a *Guerra social*. Pois agora diremos-lhe que já saiu, e em nada desmentiu o programma. Um numero que temos á vista diz cousas muito lindas, e entre ellas o seguinte: «Inimigos de Deus, o nosso periodico medirá suas armas contra essa monstruosa criação da metaphisica»

Já viram levar o desparate tanto além da blasphemia?

Contiuam as negociações, no dizer dos jornaes estrangeiros, para se concluir uma alliança entre as potencias da Europa, com o fim de opor uma forte barreira ao socialismo. D'aqui a guerra que irrompeu á

pouco dos subterraneos onde se davam as mãos os inimigos dos padres e dos reis. Cabe aqui, muito a proposito a transcripção das seguintes linhas, que encontramos em um jornal madrileno:

«Os motivos da guerra que se declarou entre o liberalismo auctoritario e a interdicional está já conhecido. O primeiro queria chegar a pequenas marchas ao triumpho social do atheismo; a segunda, que julga haver chegado já ao estado de maturação a semente lançado á terra, quer desde já sair para a rua.

E' por estas razões que se declarou o scisma entre a franc-maçonnaria franceza, apoiada, segundo consta, pela de Italia, Russia, Hispanha e Portugal, e a franc-maçonnaria ingleza, provavelmente de accordo com a germanica, escandinava, austriaca e norteamericana».

Ve se que os homens desaccordaram na maneira do ataque e é por isso que se quer um congresso das grandes potencias.

Se fosse para salvar a ordem publica e a tranquillidade das nações, teriam feito o congresso quando Garibaldi organivava as suas hostes, mal cobertas pela bandeira piemontez, ou quando as tropas regulares do Piemonte abriam a brecha da *Porta-Pia*, em quanto o gabinete de Turim se ria insolentemente das lagrimas que sulcavam as faces venerandas do Vigario de Christo.

Eis para que serve o dinheiro de S. Pedro: O Santo Padre enviou ao Bispo d'Aiba 500 libras para que sejam distribuidas pelas familias das desgraçadas victimas da inundação de Bormida.

A attitude dos catholicos allemães é digna da nossa admiração, e não menos digna de ser imitada.

A *Germania* tem publicado uma serie de artigos examinando o estado da Igreja catholica e é d'um d'esses artigos que traduzimos o seguinte trecho.

«Preferimos a lucta com todas as suas consequencias, a uma paz que seria a ruina do partido do centro; preferimos o *Kulturkampf* a uma paz que nos converteria em cortezãos de nossos adversarios. Luctamos pela liberdade da Igreja Catholica e lutaremos ate conseguirmos um triumpho completo. Pelo caminho da lucta chegasse á victoria; pelo caminho das transações vae-se ter á servidão.»

E diz bem a *Germania*: continuem os catholicos no seu posto d'honra e a victoria será sua.

J. DE FREITAS.

## EXPEDIENTE

«Esgotados todos os numeros do *Progresso Catholico*, até hoje publicados, não os temos enviado aos novos assignantes. Teremos nova edição e creiam os novos assignantes que não ficarão com o volume incompleto.

Teixeira de Freitas.»

BRAGA — TYP. LUZITANA — 1878,